Revista Espaço Acadêmico - Nº 105 - Fevereiro de 2010
ANO IX - ISSN 1519-6186

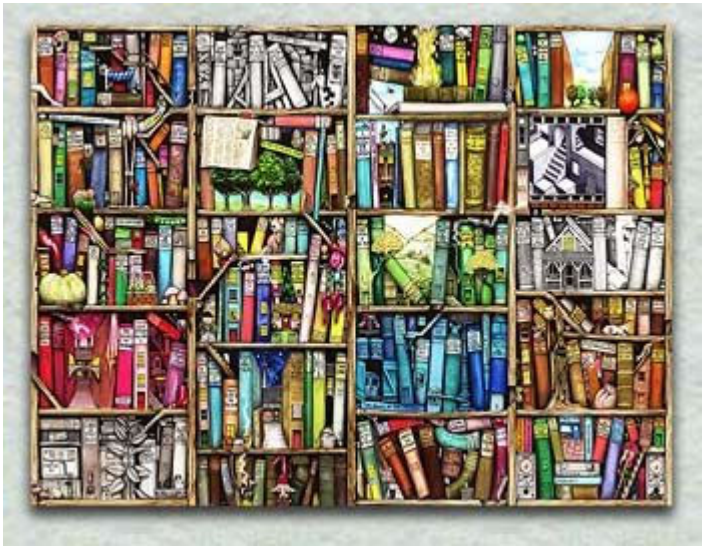
(Re)Pensar a Educação e o Ensino da Literatura

Gislaine Becker*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise dentro do sistema educacional atual, bem como ressaltar algumas funções da literatura para que se compreenda, dentro deste âmbito do ensinamento da literatura, algumas necessidades emergentes para o aprendizado da mesma.

Résumé: Cet article visa à analyser dans le système éducatif actuel et met en relief quelques-unes des fonctions de la littérature pour être compris, dans ce contexte de l'enseignement de la littérature, certains besoins émergents pour tirer des leçons.

Palavras- chave: Educação, Literatura.



Fonte: Colin Thompson

O presente artigo nasceu da sugestão do Professor Doutor Alexandre Martins Viana, a respeito de um comentário que postei, no Blog da Revista Acadêmica, com relação ao artigo do Professor Doutor Walter Praxedes. Para situar o leitor, o artigo do Professor Praxedes falava sobre a prática da leitura e a formação do indivíduo, tendo como pano de fundo a segunda guerra mundial como exemplo e o questionamento da serventia da Literatura. O professor Alexandre por sua vez fez o seguinte comentário, sobre o meu comentário (desculpem a Epanadiplose): "*Gostaria que a professora Gislaine Becker escrevesse um artigo para o blog, pois as suas considerações sobre o texto de Praxedes são muito densas para ficar apenas nos comentários*".

Pois bem, com muito gosto aceitei o convite, que desde já quero agradecer e cá estou para falar de Educação e Literatura.

Quando me debruço para escrever sobre a Literatura, muitas reflexões jogam-me por momentos intermináveis de reflexão. Na verdade, fico parada diante a grandiosidade, das Belezas que cercam o mundo literário. Mas para além de toda perplexidade que ela me causa, ela precisa ser analisada, explicada, compreendida, não somente com finalidades didáticas, todavia para que seja, na sua essência, entendida. E é, justamente, neste encontro de pensamentos e reflexões, porque não dizer paradoxal, que fico a pensar qual caminho a seguir.

Ora, pois, e por mais que pense e (re) pense o entendimento para um conceito da Literatura, o que me parece mais óbvio e, conseqüentemente, sem explicação determinada, é o conceito da arte da escrita. Por mais que alguns digam que este conceito é antigo, a Literatura ainda continua sendo a arte da escrita. E como toda a arte não se pode querer para ela uma definição comum a todos os entendimentos.

Para que serve a Literatura? Era a pergunta que o professor Praxedes fazia em seu artigo e que vou tentar responder fazendo uma análise do sistema educacional até chegar ao ensinamento da Literatura.

Se pegarmos os verbos, perceberemos que todos nos levam a uma ação, da mesma forma que alguns da primeira conjugação remetem-nos para a idéia de realizações como: educar, ensinar, caminhar, sonhar. Mas ensinar, sonhar o quê? educar, caminhar para onde? Talvez, as locuções adverbiais de lugar, tempo e modo nos digam para onde, como e quando. Métodos de um aprender cercado de explicações científicas, mas que esquecem o significado dos valores simples da vida.

À lembrança da explicação gramatical somada à outra lembrança, desta vez socrática, leva-nos a refletir sobre o ato de ensinar. Educação vem do latim *educare* e *educere*, o primeiro conduz o indivíduo de um ponto ao outro; o segundo tira para fora as habilidades desses indivíduos. Logo, *E-ducação* é o ato de inserir o sujeito ao mundo com suas habilidades, conceito este explicado tão bem na maiêutica de Sócrates e retratado por Platão no diálogo de Mênon.

Quiçá, o entendimento à complexidade da Educação esteja na simplicidade do verbo amar. Mas falar de amor, atualmente, parece algo fora de qualquer contexto, quando tal fato é mencionado as pessoas se olham, se "cutucam", comentam, como se isto fosse um fato distante e fora da inerência natural do homem.

A Pedagogia do Amor é tão complexa que somente pode ser descrita e entendida na simplicidade do próprio ato de ensinar de forma apaixonada. Paulo Freire dizia que os olhos dos professores apaixonados brilham quando diante de uma explicação percebem, no sorriso do aluno, que ele entendeu o que o próprio professor não esperava explicar e que escola é gente, o diretor é gente, o professor é gente, o aluno é gente, a faxineira é gente, somos gente é nada mais natural que amar a toda a gente. A educação somente fará sentido se a docência respeitar ao discente, tornando o ato de educar, um ato decente.

Os valores sociais mudaram e com isto nossa forma de educar e encaminhar parecem ter tomado o rumo complicado da vida.

Chegamos a um ponto que o verbo *E-DUCAR* virou um verbo de consumo, mas não consumo de trocas de saberes, de encaminhamentos e sim mercantilista.

A atual funcionabilidade do sistema educacional tornou-se um problema para

a formação do indivíduo, na qual o ensino emergente e profissionalizante busca atender o mercado de trabalho, com objetivos imediatos e robotizados, fazendo com que homens esqueçam os valores fundamentais para sua vivência.

Em outro momento, poderíamos pensar que a demanda mercantilista de alunos-profissionais está atendendo suas próprias necessidades, mas até que ponto uma determinada profissão dá liberdade ao homem, em que eixo está a ligação da profissão que cada um adota e o que cada um, realmente, é?. E de que liberdade estamos falando? Será que a liberdade profissionalizante faz parte da autonomia de cada um ou ainda, será que esta autonomia é um fragmento das necessidades sociais consumistas e que retrata a falta de preparo para a vida, ou será que o encaminhamento para a vida não é ponto de reflexão dentro da educação?

Por vezes chegamos a pensar que estamos refletindo sozinhos e que esta solidão de pensamento faz com que cada vez nos sintamos mais fora do sistema. Todavia, não para abandonar as nossas certezas estruturadas em nossos valores, mas para acreditar cada dia mais que devemos ficar atentos às reais necessidades e às emergências que a vida apresenta.

Conforme Beck, estamos situados em uma era de (des) construção, uma era muito pobre, onde só há lugar para uma filosofia consumista, e a tal ameaçadora uniformidade de pensamento e ações tomou conta. A idéia desenfreada da oferta capitalista do século XIX parece (re) surgir com força total e novidades parecem correr o tempo, contrapondo-se ao percurso natural dos fatos. Todavia, Edgar Morin adverte-nos que nossa missão não é mais de ganhar o mundo, mas civilizá-lo. (MORIN, 2005: 05).

Dentro desse quadro descontrolado está o professor de literatura que entre muitos sentidos, sente-se, no mínimo, encurralado, pois como bem lembra Castro, a literatura, a arte dentro desta conjuntura social e consequentemente do sistema educacional perderam o seu lugar, tornando-se cada dia mais difícil a tarefa de promover a educação humanista em nossos alunos, provocando uma grande lacuna entre os valores, os sonhos e realizações por meio da arte. Da mesma forma que idéias humanistas encontram dificuldades porque a atual estruturação da educação está moldada em valores emergentes, mas que em contrapartida abre-nos um campo analítico e porque não dizer dialético para repensarmos o atual sistema de formação. (CASTRO, 2001:U). É de extrema importância que se repense as ações dos verbos educar/ensinar/aprender, muito mais no que diz respeito à arte da escrita, da literatura. É com este prisma que se (re) pensa aqui a educação.

A literatura é uma arte e como toda arte nasce da ação criadora de criar, de imaginar, inserir e retratar o ser humano, da mesma forma que coexiste na aprendizagem para adquirirmos cultura, conhecimento da nossa e das demais sociedades, sejam elas atuais ou passadas e para nos conhecermos a nós próprios via reflexo do que foi, é e serão os homens de sempre e que para além disto e quiçá por isto, acima de tudo ela é uma arte bem como lembra-nos Umberto Eco quando diz:

> "As obras literárias convidam-nos à liberdade de interpretação porque nos propõem um discurso a partir dos inúmeros planos de leitura e nos colocam perante as ambigüidades da linguagem e da vida de uma forma única e mágica". (ECO, 2003:9-23).

Queremos, de fato, pensar a educação e o ensino da Literatura, mas queremos (re) pensar na valorização da aprendizagem

ao longo da vida, a fim de que a formação formal tenha resultado contínuo para o desenvolvimento pessoal, encaminhando também para o desenvolvimento social. Mas como bem lembra-nos Licínio:

> "(…) em toda a sua diversidade, considerada a sua natureza multiforme, a educação ao longo da vida não tem por vocação ignorar, irresponsavelmente, os problemas da economia e da sociedade, do trabalho e do emprego. Mas o seu projeto humanista dificilmente resistirá à adopção de uma posição subordinação, vergado pela força da competividade económica, sendo transformado em programas mais ou menos restritos de "treinamento" dos recursos humanos e de "qualificação" da força - de – trabalho". (LIMA, 2009:U).

A mão esquerda da educação precisa estar atenta às escritas da mão direita e se não muito tirar-lhe a caneta quando necessário.

Portugal ocupa o segundo lugar dentro do Continente Europeu de não fazer uso do hábito da leitura e no Brasil a nossa situação não é melhor, talvez seja ainda menor em proporções e que não confundamos aqui este fato com a alfabetização. Ao quererem atribuir este fato aos preços dos livros, em entrevista a Rádio Notícias TSF, na época o atual presidente da APEL (Associação Portuguesa de Editores e Livreiros de Portugal) Rui Beja diz com relação aos preços dos livros que estes estão ligados a demanda de tiragem em cada país, ou seja, quanto maior a tiragem teremos uma queda no preço da obra e que consequentemente os altos preços em Portugal estão ligados diretamente aos níveis de literacias e aos hábitos de leituras no país.

Fato este já percebido e anunciado anteriormente pela escritora Isabel Alçada, que alertava para necessidade de se criar métodos para o desenvolvimento afetivo de leitores com os livros:

> "(…) *é preciso criar o hábito da leitura* (…)". (ALÇADA, 2007).

Entendemos que a Literacia sempre foi um processo coexistente na vida da humanidade contemporânea, uma vez que a sociedade formada por homens tem mudanças diárias. Tais mudanças requerem a interpretação para se fazerem compreendidas. E, muitas vezes, o homem precisa de métodos e fórmulas para melhor interpretar tais mudanças, eis uma literacia natural.

Quando refletimos a respeito de não termos leitores ou quando nossa reflexão passa para o abandono escolar, sempre nos vem à mente a idéia que estas perdas estão relacionadas ao fato de que a escola não respeita as diversidades culturais existentes dentro dela, da mesma forma que pretende impor seus valores, via suas metodologias de aprendizagens e para além disto e talvez por isto não leve em consideração os estímulos natos trazidos por seus alunos.

Tanto no Brasil como em Portugal, os alunos prestam exames para o ingresso em Universidades. No Brasil, além de muitos alunos concorrerem para diversas instituições de ensino ao mesmo tempo, o processo pelo qual eles são submetidos para ingressar numa faculdade chama-se vestibular, que é nada mais que um momento específico no qual eles vão, via provas em todas as disciplinas, mostrar o conhecimento adquirido, principalmente nos últimos anos escolares. Diga-se de passagem, um sistema falho, de um momento que não garante e muito menos mostra o conhecimento de cada aluno, porque bem sabemos que o momento de prova é um momento relativo e nessa relatividade estão intrínsecos muitos fatores.

Em Portugal, apesar de esse sistema ter outro nome, Exames Nacionais, o processo é praticamente o mesmo e com um agravante: o aluno vai prestar exames diante de uma escolha feita no 9º ano, ou seja, se a vontade dele em ser matemático foi escolhida no nono ano, vai cursar todo secundário direcionado para essa escolha e conseqüentemente prestar os Exames Nacionais para tal disposição. Caso queira mudar sua escolha é mais complicado ainda. Logo, passa-se, a ter uma ressalva à metodologia da aplicação das provas nesses exames à escolha profissional do aluno.

Mas o que a Literatura tem a ver com isso? Para além de sempre ter existido e tratando-se que a Literatura faz parte da cultura escolar por se tratar de uma disciplina e de um determinado conteúdo que faz parte desse processo de seleção, a literatura tem tudo a ver.

Partindo do conceito mais simples para todo o entendimento, conforme a enciclopédia Barsa, "*literatura é o conjunto de todas as manifestações verbais (orais ou escritas), e de intenção estética, seja do espírito humano em geral, seja de uma dada cultura ou sociedade*". De outra maneira, podemos dizer que: "*literatura é aquilo que comunidades de leitores, de tempos em tempos, convencionam reconhecer como prática discursiva e significante"*.

A literatura atual é marcada por vários estilos e épocas literárias, contribuindo significativamente com o acervo da literatura universal, o qual é conceitualmente descrito como a literatura que abrange geograficamente e historicamente a maior gama de idéias culturais, sendo leituras consagradas por diversos povos, orientais e ocidentais, ou seja, que transcenda o seu território de origem em que foi publicado.

> Condicionada pela tradição cultural e pelo devir histórico, a literatura tem, no entanto, uma dimensão que não se define somente pelas circunstâncias em que se produz. Nela, o talento individual do artista e a sensibilidade para os problemas de seu tempo são determinantes para mostrar, discutir ou criticar os principais aspectos de uma cultura. (ENCICLOPÉDIA BRITANICA DO BRASIL PUBLICAÇÕES, 1997).

A literatura universal é difusões de cultura de diferentes povos, Santos e Pereira (1999:18), comentam: "*que existem diferentes contribuições à literatura universal, à grande literatura*". Continuando com a idéia de literatura universal, os autores complementam que: "*não existem literaturas menores, mas contribuições distintas no concerto da literatura universal*". Estas contribuições acontecem em vários níveis, entre: os autores; autores e leitores; autores, educadores e leitores, formando um grande grupo literário, o que exige certa compreensão de todos os seus membros, que forma opiniões e necessitando o respeito mútuo, para que seja alcançado um dos principais objetivos da literatura, que é a comunicação por meio da troca de idéias, sem espaço para a distinção cultural e conseqüentemente, inserindo realidades, fazendo ligações entre diversos mundos possíveis a arte literária retrata a própria condição de existir.

Se pararmos para analisar em que o conceito estrutural filosófico e pedagógico está o embasamento da literatura universal, veremos que o da literatura universal, está compreendido a partir de um determinado grupo de obras que emergem de um determinado histórico-social-cultural para fazer parte, fragmentado em diversos períodos que vão determinar a grande literatura. Logo, o que forma a grande literatura, se não os fragmentos da interação de todos, de cada época literária e do seu tempo

correspondente? Ou seja, duas partes interagem-se para formar para todos, neste caso para a formação da grande literatura universal.

Esta troca de informações, idéias e cultura, fazem da literatura uma grande expressão da arte, tendo capacidade integradora, em que retoma e atualiza a própria condição existencial de um ser situado, que não conhece o mundo como uma coleção de objetos diante de si, mas como horizonte originário do sentido que se materializa em cada experiência vivida. Lembrando Paulo Freire: "*Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo*" (FREIRE, 2002:15). Logo, também, muitas questões cercam a intencionalidade da Educação e conseqüentemente da literatura, uma vez que esta é parte integrante da cultura escolar[1], bem como o conceito da disciplina de literatura, pois a mesma sempre esteve à mercê de seus períodos históricos e sociais que determinavam seu ensinamento.

Entretanto, ecoa ainda a pergunta que não quer calar: Para que serve a Literatura?

Se partirmos da base estrutural do sistema educacional, atualmente, que torna as metodologias de aprendizagem da Literatura uma mera disciplina para ingresso ao vestibular, ou aos exames nacionais, responderia ao professor Praxedes que de nada serve, de nada tem servido e de nada servirá a Literatura. Logo, ainda lembrando Candido, a literatura não pode ser condicionada a "resumos" disciplinares, uma vez que as projeções literárias vão muito além, tornando-se díspares do "*conjunto de formulações e conceitos"*:

> "(...) Com efeito, sociológicos, psicológicos e outros manifestam às vezes intuitos imperialistas, tendo havido momentos em que julgaram poder explicar, apenas com os recursos das suas disciplinas, a totalidade do fenômeno artístico[2]". (CANDIDO, 2000:1).

Todavia, se olharmos para as múltiplas funções da Literatura e se tivermos uma metodologia diferenciada para sua aplicação, compreenderemos duas definições, entre muitas, que Antonio Candido ensinou e das quais quero lembrar o conjunto que se caracteriza pela soma de três sub-funções fundamentais da literatura, das quais vamos abordar, primeiramente, apenas duas. Segundo Antonio Candido, em *A literatura e a formação do homem* (CANDIDO, 1972:77-92), essa caracterização é denominada de humanização, papel esse que para nós é o portal que vai dar passagem ao encontro do homem consigo, pois bem citando o autor, a primeira função desse conjunto humanizador da literatura, entre muitos dos seus conceitos e funções, está voltada para a ação psicológica da necessidade nata que o homem tem em fantasiar com práticas do seu dia a dia. Práticas exercidas que são consideradas marginais às realidades do ser humano, entretanto, é por meio dessas práticas vividas como músicas, filmes, mini-séries, fotografias, novelas, livros que englobam os mais diversos temas universais como a guerra,

[1] Segundo como descreve Dominique Julia, "*cultura escolar é um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidade que podem variar segundo épocas*". "La culture scolaire comme objet historique", Paedagogica Historica. International journal of the history of education (Suppl. Series, vol. I, coord. A. Nóvoa, M. Depaepe e E. V. Johanningmeier, 1995, pp. 353-382)

[2] Redação feita da conferência de Antonio Candido realizada em 1957, na Sociedade de Psicologia de São Paulo.

a paz, o amor, os sonhos, entre outros, que o homem cria uma plataforma de entendimento que vai ligá-lo ao mundo e permitir a concretização de seus objetivos.

Tendo a literatura que sempre vai buscar na realidade o seu ponto de partida, porque a mesma avança primeiramente sempre de uma realidade para chegar à ficção[3], temos a segunda sub-função da literatura, dentro desse conjunto humanizador, que é denominada formadora, justamente por fazer a fusão da necessidade de fantasiar e a realidade do indivíduo. Logo, como diz o próprio autor (CANDIDO, 1972:77-92), a literatura acaba por ser um meio de educação, dentro da formação do indivíduo, mas não dentro de uma educação comum, com práticas metodológicas afastadas da realidade estudantil.

> "A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial (...) (...) ela age com o impacto da própria vida e educa com ela (...) (...) É um dos meios por onde o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escarmotear-lhe. (op.cit. p.83).

E, para além desta compreensão, precisamos ficar atentos no que diz respeito aos ensinamentos da Literatura, afinal se não compreendermos o seu real significado, suas funções e principalmente, como ela é ensinada e ministrada em sala de aula, poderíamos imaginar ao vermos um soldado de Hitler, lendo Goethe, que esta "arma" que está em suas mãos não tem efeito algum sobre ele. E nunca terá se não for devidamente ensinada e compreendida toda essência da literatura para a formação do homem.

Não quero aqui fazer adivinhações, mas gostaria de imaginar, nesta idéia qual foi à formação de Oskar Schindler, que ficou conhecido tempos atrás pelo famoso filme *A Lista de Shindler* e que salvou milhares de Judeus, mesmo que isto tenha sido uma ação transformadora dentro do oportunismo imoral e que tinha sua nacionalidade alemã.

Da mesma forma que quero pensar que muitas perguntas se fazem no âmbito da serventia da literatura, ora, pois, a utópica idéia de mudar o mundo, por meio da leitura, não pode ser concretizar se não começar por um número pequeno de participantes, entretanto, seletos, pois estão em formação humana dentro do ciclo da vida. E esse número reduzido de participantes deverá ser incentivado a começar no seu espaço físico alcançável, numa projeção futura para o mundo e, no mínimo com resultados para seu mundo, que conseqüentemente agirá sobre os demais. E assim, sucessivamente, a engrenagem de mudança começar a "andar". Uma ação comunitária benéfica para todos. Nossa proposta começa à margem das metodologias existentes, mas que possui resultados significativos.

Analisando o papel do professor de literatura, antigamente tínhamos a idéia de que deveria ser o professor a fornecer indicações de livros, assim como ensinar o percurso da literatura feito pelos escritores ao longo dos tempos.

É uma forma de metodologia, bem verdade, mas não é a única e nem deve

[3] Quando nos referimos ao momento que parte do real à ficção, devemos levar em consideração de forma simples e mais compreensível, entre muitos aspectos importantes, que quem escreve está inserido em um mundo real. A partir dessa realidade na qual o autor está inserido, ele faz emergir a imaginação na qual é feita a fusão entre o vivido e o imaginado, criando assim a primeira ligação entre a realidade e a ficção. (Becker, 2002). Outra visão estabelecida por Iser, em *O Ficcional e o Imaginário,* lembra-nos que as ficções não só existem enquanto textos ficcionais, mas também desempenham um papel tão fundamental nas atividades do conhecimento, do agir, do comportamento quanto na fundação de instituições, sociedades e visões do mundo". (ISER, 1996:35-36)

ser mais a única, porque o uso de tais práticas tem distanciado o aluno das obras literárias e se é uma (des)construção de aprendizagem não combina com *E- DUCAÇÃO*, porque *e-ducação* é antes de tudo formar o homem no todo, considerando seu passado, presente e o seu futuro e se não fizermos a ponte entre o homem e o seu contexto, nunca conseguiremos perceber a importância da literatura na formação de nossos alunos.

E, por fim, a cena sempre será esta: alguém lendo, em plena guerra seja ela qual for, um texto humanístico sem ao menos entender o que está lendo.

referências

APEL. Associação Portuguesa de Editores e Livreiros. http://www.apel.pt.

BECK, Ulrick; GUIDENS, Anthony; LASCH, Scott. **Modernização Reflexiva**. Ed. UNESP, São Paulo, 2000.

MORIN, Edgar. **Os Sete saberes necessários à Educação do Futuro**. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf, acessado em janeiro de 2010.

CANDIDO, Antonio. **A Literatura e a Formação do Homem**. In: Textos de Intervenção. Ciência e Cultura. Rio de Janeiro, 1972, pp. 72-92.

_____. **Direitos humanos e literatura**. In: FESTER, A.C. Ribeiro e outros. Direitos Humanos e... . São Paulo, 1989.

_____. **Literatura e Sociedade**. Estudos de Teoria e História Literária. 8ª Ed. T.A. Editor, São Paulo, 2000.

CASTRO, Manuel António. **Ensino da Literatura e libertação**. http://acd.ufrj.br/~travessiapoetic/literarios/ensinoda.htm, acessado em janeiro de 2010.

ECO, Umberto. **Sobre literatura**, "Sobre algumas funções da literatura", Lisboa, Difel, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. Ega. Rio de Janeiro, 2002.´

JULIA, DOMINIQUE**,** "**La culture scolaire comme objet historique**", *Paedagogica Historica. International journal of the history of education* (Suppl. Series, vol. I, coord. A. Nóvoa, M. Depaepe e E. V. Johanningmeier, 1995, pp. 353-382). In Revista Brasileira de História da Educação, tradução de Gisele de Souza, Ed. Autores Associados. 1ªEd.p.10, Campinas, São Paulo, janeiro/junho2001.

LIMA, Licínio. **A Educação faz tudo?** Crítica do pedagogismo na "sociedade da aprendizagem". Palestra efetuada nos atos evocativos do 35º aniversário da Universidade do Minho, postada no site da Universidade Cidadã, em fev/2009, às 11h16

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade na sociedade de hiperconsumo. In O Ambiante na encruzilhada. Por um futuro sustentável**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2009.

SANTOS, Luís Alberto Brandão e PEREIRA, Maria Antonieta. **Trocas Culturais**. Belo Horizonte, 2005.

TSF. Entrevista efetuada em 04/2009, para a rádio local, da cidade de Lisboa. http://tsf.sapo.pt/paginainicial/AudioeVideo.aspx?content_id=1209935, efetuada em 01/2010.

* **GISLAINE BECKER** é formada em Letras pela Universidade do Sul de Santa Catarina; Pós-graduada pela Universidade de Lisboa; atualmente reside em Lisboa; doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa; Professora das Litetraturas brasileira e portuguesa; trabalha com metodologias de ensino da literatura; formação de leitores em sala de aula, via literatura; autora do Projeto Livro Aberto que tem como objetivo formar leitores dentro e fora da sala de aula. Endereços: g.becker@fct.unl.pt e http://illustramus.blogspot.com.